Cantam os poetas a primavera, a primavera das flores, a primavera da vida, fantasiando papa a mocidade cheia de desejos, plena de sonhos românticos e floridos mas que passam fugazes, que se esvaem logo até o dorido suspirar do "ai balanços do meu galho!". Tudo sublimam, e como a sublimação, para ser mais sublime, não se deve alongar, transformam-na em "eco de um rumor cantando em meu ouvido".

Entre acordar com os poetas e reviver de memória o já vivido por anos e anos, aflora o rebuscar do passado nas lembranças doces, nas cartas, nas flores murchas e nos livros de versos em que esplendem os arroubos de um encantamento.

Ha quasi cinco décadas, compramos duas primeiras edições de livros de versos de ~~uma~~ estreia de autor campinense. Ler e oferece-los à namorada, foi coisa de um instante. Mas êles, cheios de pétalas e raminhos murchos, cada um com sua história de ternura, com seu passado de amor, rápidos nos voltaram às mãos, quando a namorada se tornou esposa. Assim, o "Nós" (1917) e o "Dansa das Horas" (1919) são preciosidades afetivas que conservamos, envolvendo recordações e saudades que constituem o "velho livro aberto, que nós folheamos de alma deslumbrada".

E ainda os relemos, quando o lar se vai tornando silencioso, depois de ter estado cheio de vida, de alacridade, do sorriso dos filhos, do gargalhar dos netos, para que possamos dizer à doce companheira: do enlevo e do amor, fez-se uma aurora, para um lar que de sonhos se alcandora e que hoje vive num roseiral em flor. Saudades.....velhice....mas velhice de amor!

Três Guilhermes, três poetas, ligaram-se a Campinas pelo natal e pelo afeto. O primeiro foi Guilherme da Silva; poeta no sentir de moço, estudante, quando visitou nossa terra e a ela se prendeu pela fascinação da luminosidade de um céu inigualável, pelo verde exuberante de suas matas, pela força de sua vitalidade e pela segurança do seu futuro. Poeta na sua medicina, quando medicava com dizeres de espírito, com palavras de ânimo, de consolo e de entusiasmo; poeta que penetrava a casa pobre ou a câmara iluminada do rico, como uma esperança, e que se retirava ~~XXXX~~ deixando a luz de uma alegria que êle fixava junto ao leito do enfermo, encorajado, feliz, sorridente, pelo convívio, pelos gracejos, pela vivacidade confortadora e animosa do médico.

de Que poesia encantadora dispunha êste poeta: a poesia da esperança, a poesia da coragem, a poesia do embevecimento pela vida. Ainda ouvimos o "eco de um rumor" cantando loas a êste homem de ciência, profundo e seguro no seu saber; a êste poeta que sabia florir e iluminar os tristes tugurios de doentes e velhos carentes de novas esperanças; a êste apóstolo que sabia pregar um evangelho de alívio.

Em 1886 mudou-se para Campinas um futuro cliente e amigo do Dr. Guilherme; era um jovem advogado, recém-formado pela Academia de São Paulo, fluminense, nascido em Porto das Caixas, fregue-